

Antônio Silveira (*)

A mística de um líder

Colaborador

Madrugada de 05 de fevereiro de 1694. Macaco, Serra da Barriga, Alagoas. Grande inquietação na capital do maior e mais longo quilombo da história das Américas. Motivo: há indícios veementes de um ataque das forças do governo. O líder Zumbi e outros preparam-se para a guerra. A última guerra. A guerra perdida.

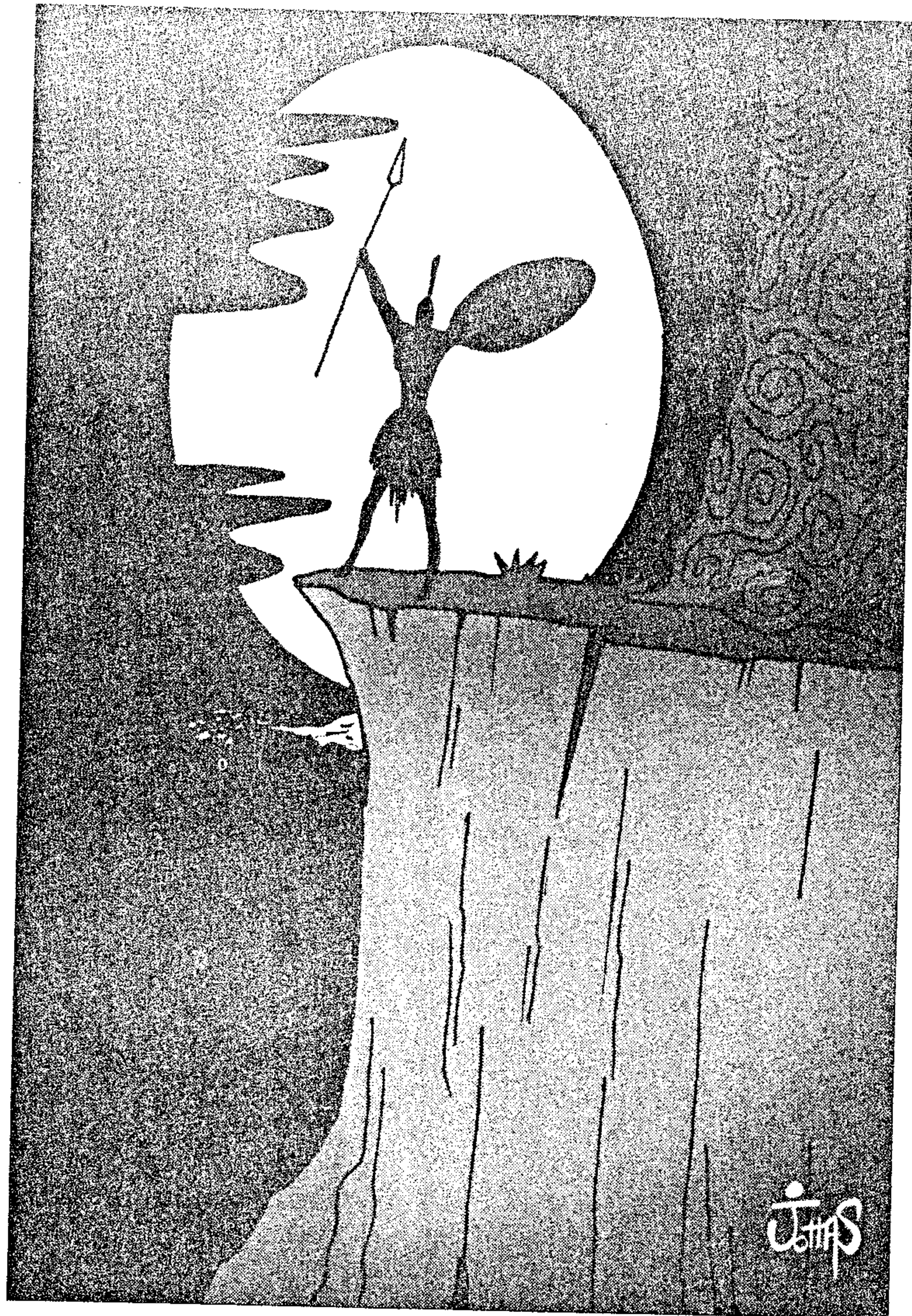
O bandeirante mercenário Domingos Jorge Velho com sua força expedicionária composta por centenas de brancos, mestiços e índios, entrou nas fortificações da capital quilombola e depois de grandes combates, corpo a corpo, subjulgou a última grande resistência negra ao sistema escravagista. Dispersão total, milhares de negros degolados. É o fim do grande Quilombo de Palmares, que por mais de um século foi o refúgio dos perseguidos e injustiçados.

Zumbi morreu, diziam os poucos e dispersos sobreviventes. Mas não, ainda viveu e por algum tempo lutou bravamente tentando reorganizar a resistência; mas tudo em vão. Quase dois anos depois foi morto junto com vinte de seus fiéis seguidores, após lutar bravamente.

Essa é a versão mais conhecida do fim da história da epopéia da resistência negra de Palmares, mas, uma coisa é certa: Zumbi foi o maior líder quilombola e sem dúvida o mais enigmático e místico. Sob seu reinado viveu e lutou o maior quilombo da história; grande também pela sua face multiétnica, pois em suas fortificações se refugiaram os escravos foragidos, os judeus perseguidos, os hereges e índios entre outros, segundo as últimas descobertas de arqueólogos e etnólogos.

Junto com o Quilombo de Palmares morreu o grande sonho daqueles escravos perseguidos e injustiçados.

Porém, sua existência e gloriosa história de resistência ao ignóbio sistema escravagista, deram exemplo de força e alicerces morais àqueles que abra-



çam sua causa para continuar a luta no correr dos séculos.

A vida e morte de Zumbi e seus companheiros quilombolas compostos, como dito, de negros, brancos, índios, mestiços, perseguidos e injustiçados, representam a força e o poder da luta pela liberdade. As imagens guerreira e mística de Zumbi transcenderam à sua pessoa e ao longo dos séculos ecoam como um símbolo de resistência à subjugação do homem pelo homem, qualquer que seja a forma.

Nesta semana que se comemora a morte do grande líder (20 de novembro), designado o Dia da

Consciência Negra, nada mais justo do que lembrar este grande líder, para que possamos manter acesa a luz da esperança de um dia melhor para a humanidade, que sem problemas raciais, caminhe para uma união fraterna entre os povos.

Força, Zumbi!

A imagem guerreira tornou-se símbolo de resistência

(*) Antônio Silveira Ribeiro dos Santos é juiz de Direito em São Paulo. Foi criador do programa ambiental A Última Arca de Noé. (www.ultimaarcadenoe.com)